



Disponível em  
<http://www.anpad.org.br/rac>

RAC, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3,  
pp. 368-370, Maio/Jun. 2014  
<http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac20141400>



## **Resenhas Bibliográficas:**

### **Sustentabilidade: O Que É, O Que Não É.**

Leonardo Boff. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 200 p. ISBN 978-85-326-4298-1.

**Jorge Alfredo Cerqueira Streit**

E-mail: [jorgealfredocs@hotmail.com](mailto:jorgealfredocs@hotmail.com)

Universidade de Brasília - UnB.

UnB, Campus Universitário Darcy Ribeiro, s/n, Asa Norte, 70910-900, Brasília, DF, Brasil.

Meses antes da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente (popularmente veiculada como Rio+20), realizada no Rio de Janeiro em junho de 2012, Leonardo Boff (teólogo, filósofo e um dos criadores da ecoteologia da libertação) lançou o livro **Sustentabilidade: O que é – O que não é**. A obra traz uma discussão sobre o uso indevido do termo pelos governos, pelas empresas, pela diplomacia e pelos meios de comunicação.

Para mostrar a importância do debate, o autor expõe, logo nas primeiras páginas, a urgência de uma mudança paradigmática baseada nos princípios da **Carta da Terra** (documento do qual ele próprio participou da elaboração, e que contém princípios éticos fundamentais para a construção de uma sociedade global justa e sustentável).

Segundo esse documento, a sustentabilidade é questão de vida ou morte, pois somente com ela o futuro da espécie humana no Planeta Terra estará assegurado. Portanto, faz-se necessário que se distinga verdadeiramente o que é e o que não é sustentabilidade.

A leitura é recomendada para estudantes de curso de gestão, pequenos e grandes empresários que desejam que suas organizações causem um menor impacto ambiental, e para os membros da sociedade civil em geral, que, no papel de consumidores, têm o poder de catalisar mudanças de maiores proporções.

O *greenwash* é uma prática cada vez mais recorrente das empresas, o que significa dizer que estas se **pintam de verde** para ludibriar o consumidor que busca produtos e serviços menos agressivos ao meio ambiente e mais responsáveis socialmente. Desde o fracasso do socialismo real, no fim dos anos 80, a ideologia capitalista ganhou força por todo o mundo. A especulação e a fusão de grandes grupos de empresas multinacionais levaram muita riqueza para um pequeno número de países, aumentando a desigualdade global. Calcula-se que apenas 20% dos países tem mais de 80% das riquezas do planeta. Por sua vez, os 20% mais pobres sobrevivem com menos de 2% dos recursos.

Nem mesmo as sucessivas crises econômicas e financeiras diminuíram a voracidade do mercado. Boff afirma que as estratégias que aplicam os poderosos (entende-se por governos e empresas), existem para tentar salvar o sistema financeiro e não para salvar a civilização e garantir sua coexistência com o Planeta Terra. Sendo assim, o número de famintos continua a crescer no mundo (hoje são mais de 1 bilhão de pessoas), e esta característica não inclusiva do sistema hegemônico vigente é que gera a injustiça mundial e traz insustentabilidade.

Após uma severa crítica aos modelos existentes de desenvolvimento, o autor faz uma progressão cronológica do conceito de sustentabilidade desde o século XVI até a atualidade. Para Boff, o respeito às limitações de cada bioma e às necessidades das gerações presentes e futuras são pilares do que o conceito fundamentalmente significa.

Agindo assim, a sociedade caminhará rumo ao **desenvolvimento sustentável**, porém esse tipo de desenvolvimento só será sustentável de fato quando for pautado em conceitos bem definidos, o que não é o caso na maioria das vezes. Na opinião do autor, o conceito hoje é empregado de uma forma tão comercial que se transformou num modismo, sem que seu conteúdo seja verdadeiramente claro ou definido de uma maneira crítica.

Ao longo do desenvolvimento de suas ideias, o teólogo-pensador pontua possíveis causas da insustentabilidade da atual ordem ecológico-social, incluindo entre elas o fato de nós, habitantes deste planeta, vermos a Terra como um baú de recursos. Por quatro séculos, essa visão predominou, mas nossa **casa** já não suporta mais esse tipo de presença humana. Surge, então, a necessidade de criar uma nova relação para com a Terra, que reverta o quadro comprovado de diminuição da biodiversidade, da diminuição da disponibilidade de água, da supressão das florestas, tudo isso agravado pelo crescimento populacional. Afinal, hoje somos mais de 7 bilhões de pessoas no mundo.

O fato de prevalecer uma visão que coloca o ser humano no centro de tudo (antropocentrismo) também contribui para a insustentabilidade dessa ordem, bem como as visões mecanicista, patriarcal, individualista e competitiva que estão presentes em nossa sociedade.

Nos últimos capítulos, Boff propõe um conceito mais integrador de sustentabilidade, reforçando as ideias de construção de um novo paradigma civilizatório e de não restrição da ecologia ao ambientalismo puro e simples. Nessa tentativa, o autor alinha o já debatido conceito de sustentabilidade a temas amplos, como: sociedade, desenvolvimento, educação e indivíduo.

Enfim, de forma consciente e embasada por diversos cientistas nacionais e internacionais, Leonardo Boff alerta o leitor para o momento delicado que nosso planeta atravessa. À medida que avisa, também convoca os seres humanos a seguirem sua natureza de cooperação e solidariedade para realizarem uma mudança em direção ao que ele chama de “paradigma do cuidado e da responsabilidade coletiva” (p. 73), a fim de não só assegurar a existência humana, como também de devolver vitalidade à Terra.